

LEMBRANÇAS DA NOITE: MEDOS MODERNOS À SOMBRA DO DESCONHECIDO

 <https://doi.org/10.56238/sevened2025.015-003>

Débora Ariane Siqueira Nunes

Especialista em Arteterapia pela Faculdade Metropolitana de SP (FAMEESP)
Membro do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo (GECOM/UERN).
E-mail: debyariane310@gmail.com

Valdir Gabriel Garcia Arruda

Especialista em Arteterapia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante
(FAVENI).
E-mail: valdirgabriel@alu.uern.br

Lindercy Francisco Tomé de Souza Lins

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo
Docente do curso de História da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.
E-mail: lindercylins@uern.br

RESUMO

O presente artigo objetiva discutir os medos da sociedade moderna pré-industrial no Ocidente, e entender como suas histórias de terror e figuras simbólicas ecoaram na contemporaneidade, fomentando preconceitos, mas também sensibilizando para as diferenças em tempos recentes. Justifica-se pela possibilidade de promover reflexões acerca do imaginário popular, entre temporalidades e sociedades distintas, debatendo a forma com a qual lidam com o desconhecido. De natureza qualitativa, descritiva e transversal, é uma análise documental baseada em pesquisas bibliográficas, fílmicas e literárias. Analisou como a noção moderna de medo ainda impacta a contemporaneidade e como está sendo retratado pela cultura popular no século XXI, ressaltando a importância de um olhar crítico sobre o medo e as estruturas que o cercam como forma de derrubar preconceitos e construir pontes.

Palavras-chave: Humanização do Medo; Idade Moderna; Terror Moderno; Cultura Pop.

1 INTRODUÇÃO

A emoção mais forte e mais antiga do homem é o medo, e a espécie mais forte e mais antiga de medo é o medo do desconhecido. (LOVECRAFT, 1987, p. 11).

A citação acima é uma tese emblemática do romancista estadunidense Howard Phillips Lovecraft, responsável por contos de terror centrados na fragilidade humana perante um universo hostil e, frequentemente, indiferente. Ele veio a compor o “panteão” basilar de escritores do horror ocidental, desde Edgar Allan Poe e Mary Shelley a Stephen King e Clive Barker. Todavia, a escrita do macabro e assombrado não é uma tendência inédita, mas sim uma continuação de crenças e mitos humanos ao longo do tempo, as quais utilizam de uma emoção em comum: o medo.

O medo é, conforme as teorias biopsicossociais¹, uma resposta involuntária a situações de aparente risco, sendo elas muitas vezes frutos do desconhecido. Múltiplos animais utilizam mecanismos naturais para garantir sua segurança, como um rugido ou a adoção temporária de uma postura alongada ou bípede — para dar a impressão de maior altura. Os humanos gradualmente aprenderam a temer, mas também a dominar tais mecanismos. Desde o primeiro relâmpago caído, às chamadas por ele espalhadas, os humanos reagem ao diferente com assombro e curiosidade.

No decorrer da história, as sociedades humanas interagiram — e ainda interagem — com o meio habitado de formas variadas, da coleta e caça ao cultivo e expansão. Isso é impulsionado também por crenças e valores relativos a cada grupo e indivíduo, algo que tende a adquirir um viés metafísico e místico. A prática da magia e o gradual estabelecimento de religiões abriu caminho para a ideia de espíritos, encantamentos e outros fenômenos hoje postos enquanto sobrenaturais. A fé no espiritual ajudaria a explicar o que havia de desconhecido e temeroso no mundo, contribuindo assim para uma vida mais ordenada existencialmente (TUAN, 2005).

No período comumente referido enquanto Idade Moderna, se personificou nas figuras mais intransponíveis para os homens antes da Era das Luzes, os “filhos da noite” e “herdeiros da morte”. Fantasmas, vampiros, demônios, bruxas e lobisomens, vagando por cemitérios e casas assombradas para atormentar os inocentes. Mas esse passado ainda vagueia na crença e imaginário popular, sussurros ecoados por séculos de narrativas noturnas.

Enquanto que nas crenças nipônicas os gatos são vistos como seres com acesso ao mundo místico e que trazem sorte, mas nos países ocidentais, gatos pretos ainda são associados à má sorte e principalmente bruxas. A bem da verdade, o imaginário popular conservou por muito a imagem da bruxa velha e decrépita prestando auxílio duvidoso, como apresentada na obra *Macbeth* (2001), de

¹ Para mais detalhes, ver os trabalhos de Baptista, Carvalho e Lory (2005); Tuan (2005); Pauluk e Ballão (2019).

Shakespeare. Fantasma como almas condenadas e vampiros, o guia da danação aos poucos assumindo tons do pecado carnal (lascividade). Mansões antigas como palco do tormento de moradores desavisados e as sombras da noite a um passo de revelar um demônio. Contudo, as últimas décadas tem instaurado mudanças na perspectiva das histórias que causavam terror na Idade Moderna, os mesmos medos estão enraizados na cultura ocidental, aos poucos ganhando novas roupagens para se adequar aos presentes tempos.

Portanto, o presente artigo trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, descritiva e transversal, sendo um estudo de caso baseado em pesquisas bibliográficas e documentais (filmicas e literárias) sobre obras de terror e suspense da cultura pop do ocidente e fontes históricas do período moderno – envolvendo-se de referências teóricas previamente analisadas e publicadas de 24 obras entre artigos, livros e filmes. Tem o objetivo de analisar representações das figuras que aterrorizavam o imaginário popular na Idade Moderna, traçando paralelos com representações dos mesmos na contemporaneidade – para entender a evolução destes no inconsciente coletivo através da cultura pop. A pesquisa foi realizada com o acervo pessoal dos autores, além das plataformas Google Scholar e SciELO, usando os seguintes descritores: Humanização do Medo; Idade Moderna; Terror Moderno; Cultura Pop; Imaginário popular.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Um mar igualmente desconhecido para nós na atualidade como o oceano na Idade Moderna, a mente humana perpassa caminhos escuros, a prima criatura da noite e herdeira dos medos mais escusos; mas também às vestes de "monstruosidade". Inconcebíveis pela racionalidade pelo ato simples e forçado de mantê-las alheias à própria alteridade humana. Renegando a cantos tão sombrios do imaginário que tomaram formas em criaturas da noite e pesadelos.

Lobos dormem noite adentro
Morcegos voam ao relento
Uma alma perdida que dorme jamais
Com medo de bruxas e sombras fatais

O trecho da versão brasileira da música "Lullaby Of Woe" (2015), tema do jogo *The Witcher III*, ilustra de maneira poética os medos da Europa pré-industrial. Antes que a eletricidade permitisse a apropriação das sombras, a noite era palco de tarefas e pessoas escusas, terreno fértil para os tenebrosos eventos, logo atribuídos ao sobrenatural. Ainda que na Idade Moderna, natural e sobrenatural tivessem barreiras mais cinzentas que na atualidade, crença e incerteza se completavam para embasar criaturas e histórias de vivacidade mórbida até hoje.

2.1 PRELÚDIOS NOTURNOS

Entre as mais diversas crenças humanas no tempo, não é incomum se deparar com perspectivas dualistas sobre a vida — ao passo em que muito da existência é dividido entre o bem/justo/correto e o mal/injusto/incorreto. Do politeísmo egípcio e grego ao monoteísmo cristão e islâmico, faz-se presente figuras associadas tanto a aspectos “positivos” quanto “negativos” da vida — muitas vezes perpassando uma relação antagônica entre divindades benevolentes e entidades malignas. Um exemplo básico e conhecido na cultura popular contemporânea são os anjos e demônios.

Cada época e cultura ensinou novos medos à humanidade, mas entre suas rupturas e permanências, é notável o persistente medo de monstros. Tuan (2005, p. 46-47) explica que a humanidade tende a responsabilizar criaturas míticas pelo que há de ruim e errado em suas vidas — visando também compreender melhor o desconhecido. Novamente, um dos objetivos disso é oferecer sentido à existência e seus fenômenos, como sintetiza o autor:

A natureza é enérgica e imprevisível. Uma maneira de compreender a natureza é vê-la como se estivesse cheia de espíritos malignos que precisam ser acalmados. Quase sem exceção, os espíritos assombram o mundo dos aldeões, e isto é verdade, quer os aldeões pratiquem o cultivo itinerante quer uma forma mais estável de agricultura tradicional. A origem dos espíritos pode ser humana ou não humana; os aldeões não se incomodam em fazer distinções precisas. De modo geral, os espíritos humanos rodeiam o povoado e tendem a ser benevolentes, ou pelo menos inofensivos, embora isso nem sempre seja assim. As divindades da natureza dominam a mata circundante. Os aldeões têm medo da mata, da qual pouco sabem.

Antes da saga literária *Harry Potter* (1998-2007), na qual bruxos voam em vassouras e jantam com lobisomens e fantasmas, havia um temor genuíno que cercava as ditas “criaturas da noite”. Noite e escuridão eram os domínios de demônios e outros perigos, mas a bem da verdade, a luz do entendimento era negada também a corujas, gatos e mulheres. Quaisquer eventos e criaturas que os homens não pudessem explicar ou conter.

2.2 DANÇANDO COM ECOS

“Um rapaz vagando na noite enluarada recita votos apaixonados no bosque, ensaiando seu noivado. Tão logo concluiu suas palavras, os galhos se torcem e movem, revelando a mão óssea de uma jovem morta que passa a persegui-lo para assim selarem o matrimônio”. Uma narrativa contada à boca miúda nas feiras do início da Idade Moderna? Na verdade, é o primeiro ato do filme *A Noiva Cadáver* (2005), de Tim Burton. É importante pontuar que, na Idade Moderna, a crença no duplo (não divorciação do corpo e alma após a morte, que se mantinham num estado de semi-vida) era quase hegemônica ao ponto que cadáveres eram desenterrados para receber uma sentença judicial ou mesmo indicar seus assassinos numa prática conhecida como cruentação (DELUMEAU, 2009).

A perspectiva dos mortos se erguendo dos túmulos era um medo palpável por toda a Europa e inspirou criaturas no imaginário popular, bem como, mais tarde, histórias como a de *Giselle* (1840),

um balé trágico marcado pela presença das *willis*, espectros de donzelas mortas e presentes no folclore do nordeste europeu. Para evitar que os defuntos se inclinassem a resolver assuntos pendentes entre os vivos, erguiam-se uma cruz no local de uma morte trágica a fim de evitar que o espírito ficasse atormentado, vagando sem saber de sua morte. Realizavam-se missas e dedicavam orações para apaziguar suas almas — que não eram de tudo cortadas do corpo (DELUMEAU, 2009).

Essa prática ainda resiste, uma tradição sólida no catolicismo, com o intento de garantir que a alma encontre paz, mas também pode ser encarada como eco da crença em fantasmas. Mesmo hoje, as pessoas parecem pouco dispostas a socializar com os espíritos dos mortos e medo da caminhada destes fundou todo um gênero de terror na cultura pop, os zumbis. Segundo Kronzek e Kronzek (2003, p. 301): "Seja qual for o método, a tentativa de criar um zumbi é vista como um ato perverso [...] Pelas leis atuais do Haiti, a criação de zumbis é considerada assassinato, sujeitando o ofensor às mesmas penas de qualquer outro tipo de homicídio".

Uma obra muito presente na cultura pop são as *Crônicas de Gelo e Fogo* (1996- atualidade) de George R. R. Martin, que inspirou a série televisiva *Game of Thrones* (2011- 2019) e narra mortos caminhando na noite invernal para personificar o mal encarnado. Ainda que a adaptação para a TV tenha personificado o mal que deturpa a natureza e se apropria da morte para tornar mais reconhecível ao público, a saga literária, até então, não deu face ao medo mundano, sendo chamados nos livros apenas de "os Outros", numa toada mais aterradora e impactante que "meros" zumbis. Eles são algo mais, que perseguem tudo que é vivo e quente e vem trazendo a longa noite com frio da morte. Então tanto na saga como no mundo primário, a incompreensão quanto a natureza destes seres instiga uma parte inconsciente que teme o desconhecido que habita nas sombras.

Mas personificar os medos da morte e da noite não foi uma tendência criada por Martin. De acordo com Kronzek e Kronzek (2003) o termo *zumbi* é de origem haitiana, mas o conceito de um cadáver vagante é bem mais antigo. Por toda a Europa pré-industrial, relatos de mortos atacando vivos eram um traço cultural, e cada região adaptou suas próprias lendas. Na Romênia haviam os *strigoi*, *strigon* na Áustria, *vampir* nos Balcãs, *opyr* em Cárpatos; não importava, eram defuntos que vagavam pela noite em busca de sangue e se recolhiam em caixões durante o dia (LECOUTEUX, 2005). Uma crença comum na época era que uma estaca fincada no coração podia mantê-los presos à terra, ou o emprego do sempre eficiente método de decapitação.

Delumeau (2009) ressalta que esses seres desempenhavam nas comunidades europeias um papel expiatório como “costas-largas” carregando a culpa por acontecimentos fora da compreensão natural da época. Mas não havia porque tais criaturas terem medo da morte se já estavam mortas. Contudo, aos poucos, a criatura sanguinária de caráter violento, foi ganhando traços mais bem definidos e refinados, até assumir a versão aristocrática e erudita no livro *Drácula* (1897), que serviu como base para o imaginário atual sobre vampiros.

Parente moderno e inimigo jurado dos vampiros na cultura pop, os lobisomens evocavam o lado bestial e primitivo do homem que se via como modelo de evolução. Deste modo, assim como representado na saga Harry Potter (1998-2007), o lobisomem causava horror e desconfiança no homem racional, com seus traços físicos e instintos próximos ou inteiramente de um lobo ou animal selvagem. Conforme Baigent e Leigh (2001) e Lecouteux (2005), durante a inquisição, homens foram torturados sob a acusação de licantropia alcançada por meio de um pacto com o Diabo, chegando mesmo a relacionar nos países eslavos lobisomens como a forma “viva” dos vampiros.

A Romênia tinha ainda sua espécie particular de lobisomem, o *vârkolac*, defuntos que se transformavam em monstros para atacar antigas inimizadas e desafortunados, mas sua natureza não era, então, muito divergente da atribuída aos próprios vampiros (LECOUTEUX, 2005). Muitos creditavam suas circunstâncias de despertar na morte como castigo, punição por pecados e crueldades cometidas em vida. Pouco pode ser mais assustador que consequências, e, embora na contemporaneidade muitos acreditem numa divisão mais robusta entre vida e morte, físico e metafísico — quando se acredita nele — como não temer o que a racionalidade não entende?

O horror moderno pode ter nascido no passado, mas certamente não morreu lá. Casas velhas que rangiam nas noites frias, ditas moradas de espíritos atormentados por suas vidas e mortes; pode parecer um cenário arcaico, mas o Estado de Nova York, EUA, obriga, por lei, as imobiliárias a informarem os compradores caso o imóvel em questão seja mal-assombrado. Isso pode constar inclusive na escritura da propriedade (ROSSINI, 2019). Obras como *A Maldição da Residência Hill* (2018), série da Netflix baseada no romance de Shirley Jackson, são capazes de induzir medos genuínos por trazer paralelos familiares e comuns ao nosso imaginário de maneira palpável ao espectador. Talvez, da mesma forma como antes das grandes navegações, retratavam monstros no oceano bravio (ALVES, 2013), a morte sempre foram águas insondáveis em sua plenitude e o primeiro instinto humano é se preparar para o perigo.

Voltando às Crônicas de Gelo e Fogo (MARTIN, 2012), os Outros são criaturas associadas a tudo que é frio e mortal, inominável; com seu eterno rival representando a luz, o fogo e a vida. Muito embora no plano geral da obra faça críticas à dicotomia pelo caráter subjetivo que atravessa as crenças, as tornando sempre cinzas interpretativas, como no mundo primário, aqueles imersos nela, têm maior dificuldade de captar suas nuances. Mas esse receio e polarização não ficam só na ficção.

Uma particularidade das casas assombradas americanas, que corrobora com o medo tendo fonte no desconhecido, são as construções sobre cemitérios indígenas, assombradas por entes retratados como maléficos, como em *O Iluminado* (1987), de Stephen King. A tendência se repete em muitas histórias reais e fictícias, em atribuir o mal e perigo a religiões e figuras não-cristãs. A "magia negra" por exemplo carrega a crença que não pode ser praticada durante o dia e é largamente associada

— de maneira errônea e preconceituosa — às práticas ritualísticas do vodu (KRONZEK; KRONZEK, 2003).

2.3 MEDO, ORGULHO E PRECONCEITO

No Julgamento das Bruxas de Salem (1692-1693) uma das primeiras mulheres acusadas foi Tituba, escrava de etnia debatida, mas certamente não branca. Muito embora a cultura pop tenha mudado a imagem das bruxas de: ameaça a ordem natural para associá-las a figuras, em especial mulheres, que desafiam as convenções socialmente aceitas a exemplo do patriarcado. Sendo assim, elementos de contracultura. Contudo, esse movimento de descoberta crítica na cultura pop não tem se estendido a desmistificar as culturas de grupos não hegemônicos. Ainda hoje é inegável o estigma direcionado ao vodu, nos EUA e no Brasil às religiões de matrizes africanas ainda são as mais vandalizadas e vítimas de intolerância religiosa como apontam Portela *et al.* (2021).

É comum ouvir adeptos de outros credos referirem-se, pejorativamente, aos praticantes da Umbanda e do Candomblé como “macumbeiros” ou “fazedores de macumba”. A definição da palavra “macumba” possui significados diversos, dentre eles, a associação com um instrumento de percussão, de origem africana, com o mesmo nome, utilizado em terreiros de cultos afro-brasileiros (PORTELA et al., 2021, p. 21).

O peso desse estigma no imaginário popular é tão grande que no Brasil, em 1992, o “Caso Evandro”, como ficou conhecido caso do desaparecimento e morte do garoto de seis anos e ganhou notoriedade pela mídia ao ter dentre os acusados, duas mulheres relacionadas ao prefeito da cidade de Guaratuba — onde aconteceu o crime — e frequentadoras de um terreiro culto afro-brasileiro, sendo acusadas de crime ritual. A investigação concluiu que elas foram mentoras, e junto a um pai de santo e outros homens, teriam “praticado magia negra” e “sacrificado a criança”. A investigação foi veiculada de maneira sensacionalista pela mídia como o caso “Bruxas de Guaratuba”, e o linchamento dos acusados era pedido pelo público, enquanto confissões foram obtidas por meio de tortura, como mais tarde uma nova investigação jornalística mostrou a natureza enviesada da apuração judicial. Mas também revelando o poder que a informação tem na construção e influência do imaginário do social (VELOSO; SOUZA, 2021).

Com a divulgação da fita não editada de confissão obtida por meio de tortura dos acusados e a comprovação da violação dos direitos humanos destes durante a primeira investigação, eles foram absorvidos no ano de 2018, após mais de duas décadas de prisão. Mas ficando a provocação de: Por que um crime — ainda hoje sem solução — foi tão facilmente associado pela população brasileira a práticas ritualísticas de crenças não cristãs?

Não o é feito sem precedentes, de fato. O método medieval de cruentação foi empregado inclusive na acusação judicial contra Elizabeth Ridgeway em meados do século XVII. Telfer (2019) apura que supostamente o corpo apodrecido do marido de Elizabeth “sangrou” após o toque desta. O que para o júri da época era o bastante para provar sua autoria do crime, com seu desinteresse pela

religião servido de augúrio de seus maus atos e prática de bruxaria. Sendo Elizabeth inclusive retratada, nas poucas fontes sobreviventes nos dias de hoje, no familiar arquétipo de bruxa malvada e dissimulada, como salientado: "E, apesar de ter vivido no século XVII [...] ela é surpreendentemente reconhecível, um espírito familiar, e tudo mais" (TELFER, 2019, p. 82). Independente da veracidade de sua culpa, é curioso notar como foi fácil acreditar por nela como culpada a realocando a uma categoria menos humana e mais “deturpada” e “corrompida”, a de bruxa.

Então, muito embora a representação de bruxas no imaginário contemporâneo tenha se modificado em comparação a Idade Moderna — com a saga literária Harry Potter tendo um mérito expressivo em popularizar de maneira positiva a prática de magia e bruxaria — as acusações de bruxaria na vida real ainda são feitas de maneira pejorativa, para criminalizar e difamar. “Nesse sentido, o preconceito se configura como uma opinião desfavorável, que não é fundamentada em dados objetivos, tendo base unicamente em um sentimento hostil.” (PORTELA *et al.*, 2021, p. 20).

Tais fatos aludem à complexidade das estruturas sociais na qual estamos inseridos e como suas raízes podem ferir e estrangular divergentes, não sendo, de modo algum, uma tarefa fácil, enxergá-las com olhar crítico ou mesmo modificá-las. Tarefa esta, que levaria no mínimo uma fração do tempo de sua existência e muitas ações e pensamentos conjuntos que não extinguem, mas lançam sobre esses conceitos e estruturas a perspectiva de sua época.

E com a explicação para o que há de “bom” e justo no mundo, também vem a explicação para o que há de “mal” e injusto. A humanidade de modo geral não parece suportar a noção de que são responsáveis por suas ações, então encarregam anjos e demônios por seus atos. À luz de Terry Pratchett (2008), precisamos das “pequenas mentiras”, como o Papai Noel, fantasmas e zumbis, para acreditar nas “grandes mentiras”, como justiça, direito e deveres.

Prosseguindo com os casos filmicos, *A Bruxa* (2015) revela que às vezes a “escuridão” vence, e nem mesmo a fé e ordem, por muito associadas à luz, são incorruptíveis. A trama expõe os conflitos de uma família inglesa altamente religiosa, durante a ocupação das 13 colônias norte-americanas. Sofrendo de pragas na colheita e no gado, a família também aparenta ser perseguida por uma bruxa residente da floresta circundante. Em um cenário beirando à miséria, o patriarca e a matriarca tentam encontrar sentido nos seus desafios, ainda que precisem culpabilizar uma figura perversa e quase invisível.

Gradualmente, os familiares conspiram entre si próprios, acusando um ao outro de bruxaria, e eventualmente se destruindo. A forma com a qual o roteiro é apresentado pode levar a audiência a questionar se sequer havia uma bruxa antagonista nesse contexto, ou se as crenças da família — junto de sua paranoia afastada de quaisquer outros contatos sociais — acentuaram a frustração gerada pelo trabalho infrutífero no campo. Novamente, a análise de uma obra como essa pode ajudar a refletir sobre o imaginário popular, ora do passado colonial, ora do presente contemporâneo — que inclui, naturalmente, a interpretação subjetiva de uma equipe cinematográfica quanto ao imaginário da época.

Como expresso no texto de Delumeau (2009) e facilmente compreendido é que, as sombras temidas na Idade Moderna e negadas com afinco pela contemporaneidade, que, derramando luzes pela noite para compensar sua ausência nos céus — a verdade que, a escuridão oferece liberdade. Noite, eterna cúmplice daquilo que não pode ser visto. E principalmente, das histórias que não querem ser contadas.

Entendendo o desconhecido como fonte de aprendizagem e margem da descoberta, o presente trabalho se baseia na análise das representações das figuras que aterrorizavam o imaginário popular na Idade Moderna, traçando paralelo com as representações dos mesmos na contemporaneidade para entender a evolução destes no inconsciente coletivo. Este é um conceito idealizado por Carl Jung et al. (2016), o qual remete a uma camada mais profunda e compartilhada da psique humana, contendo símbolos fundamentais transmitidos entre as gerações – dando origem a mitos e lendas folclóricas, por exemplo.

Partindo da premissa de que tais criaturas sombrias eram interpretadas como aterrorizadoras por estarem associadas ao que os homens da época não tinham controle e conhecimento, considerou-se que assim como na Idade Moderna, o horror é imprimido no psicológico através do incompreendido e inexplicável. Entre as rupturas e permanências da história, as narrativas de monstros persistem no inconsciente coletivo das pessoas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se por muito tempo esse medo vinculado ao sobrenatural estava marcado na história moderna e ecoado em contos de terror noturnos, com personagens que são a personificação dos medos humanos; o cinema e a literatura têm narrado de maneiras diferentes essas mesmas histórias, se perguntando qual a perspectiva e raízes desses seres. Bruxas, lobisomens e vampiros têm se tornado os protagonistas nas últimas décadas, heróis como Batman da DC Comics e a Feiticeira Escarlata da Marvel parecem se apropriar do medo, escuridão e desconhecido para narrar novas perspectivas. Uma tendência que pode ser considerada humanizadora para com as criaturas da noite, talvez porque, a atualidade não reconhece em cenários dicotômicos e vem habitando os contornos cinzas. Mesmo os fantasmas que assombram velhas mansões podem não ser tão perigosos quanto os vivos que os levaram ao túmulo, como o filme de Del Toro, *A Colina Escarlata* (2015) mostra em tons de poesia macabra.

Não é sem mérito associar o medo, em parte, à ignorância, e algumas das histórias noturnas foram contadas a tal ponto que seus personagens se tornaram familiares. Neste enquadramento, o terror ainda se mostra genuíno quando sua fonte se mantém inexplicada, inexplorada e indizível, como era no passado, quando aqueles que não viram, eram obrigados a acreditar no que lhes contavam. O Conto dos Três Irmãos (ROWLING, 2008) apresenta formas diferentes de lidar com o medo e como ele é importante para a sobrevivência e crescimento numa época cheia de perigos, mas sem deixar de

ressaltar a sapiência em respeitá-lo, para assim tornar a figura que personifica o medo num velho conhecido. Talvez questionar e abraçar o desconhecido seja uma forma de evitar muitas histórias aterradoras, especialmente as não fictícias, também renegadas às sombras.

A valor de conclusão, espera-se com esse trabalho refletir acerca do medo, e como ele se manifesta no imaginário das pessoas ao longo da história. Sua realização parte de diálogos interdisciplinares, entre a própria história, a psicologia e a antropologia, além dos múltiplos meios artísticos nos quais se fazem representações do terror. Com as discussões feitas aqui, também pretende-se abrir caminhos para trabalhos subsequentes, e tematicamente relacionados.

REFERÊNCIAS

- A BRUXA. Direção: Robert Eggers. Universal Pictures, 2015.
- A COLINA ESCARLATE. Direção: Guillermo del Toro. Universal Pictures e Legendary Pictures, 2015.
- ALVES, Américo Vidigal. MAR MEDO e UTOPIA MEDO e UTOPIA MEDO e UTOPIA, 2013.
- A NOIVA CADÁVER. Direção: Tim Burton; Mike Johnson. Warner Bros. Pictures e Laika Entertainment. 2005.
- BAIGENT, Michael; LEIGH, Richard. A Inquisição. Editora Imago, 2001.
- BAPTISTA, Américo; CARVALHO, Marina; LORY, Fátima. O medo, a ansiedade e as suas perturbações. *Psicologia*, v. 19, n. 12, 2005, p. 267-277. Disponível em: <https://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/407>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- BRUSSI, Fernanda. Lullaby Of Woe (A Night To Remember). 2015. Letra completa em: <https://www.letras.mus.br/fernanda-brussi/lullaby-of-woe-a-night-to-remember-portugues/>. Acesso em: 17 de janeiro de 2022.
- DELUMEAU, Jean. História do medo no Ocidente (1300-1800). São Paulo: Cia de bolso, 2009.
- FARGE, Arlete. Famílias. A honra e o sigilo. In: CHARTIER, Roger. História da vida privada, v. 3: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 559-594.
- JACKSON, Shirley; LANDSBERG, Débora. A assombração da casa da colina. Tradução de Débora Landsberg. São Paulo: Suma/Companhia das Letras, 2018.
- JUNG, Carl Gustav et al. O homem e seus símbolos. HarperCollins Brasil, 2016. KING, Stephen; ALBUQUERQUE, Betty Ramos. O iluminado. Nova Cultural, 1987.
- KRONZEK, Allan Zola; KRONZEK, Elizabeth. O Manual do Bruxo: Um dicionário do mundo mágico de Harry Potter. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- LECOUTEUX, Claude. História dos vampiros. UNESP, 2005.
- LOVECRAFT, Howard Phillips. O horror sobrenatural na literatura. Trad.: João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: Editora S. A., 1987. Disponível em: https://visionvox.net/biblioteca/h/H._P._Lovecraft_o_Horror_Sobrenatural_Na_Literatura.pdf f. Acesso em: 10 ago. 2022.
- MARTIN, George R.R; As Crônicas de Gelo e Fogo. Volume 1: A Guerra dos Tronos. 1 ed. São Paulo: Leya, 2012.
- PAULUK, Luiz Ricardo; BALLÃO, Cléa Maria. Considerações sobre o medo na História e na Psicanálise. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 31, n. 2, 2019, p. 60-66. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/ySXwSQFdRtjDLyX55zDsNy/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2022.

PORTELA, Eunice Nóbrega et al. O preconceito e a intolerância enfrentados pela umbanda e candomblé religiosos afro-brasileiros: uma abordagem transversal e multidisciplinar. *Processus Journal of Management, Legal and Financial Studies*, v. 12, n. 43, p. 15-30, 2021.

PRATCHETT, Terry. *Hogfather: (Discworld Novel 20)*. Casa Aleatória, 2008.

ROSSINI, Maria Clara. Nos Estados Unidos, uma casa pode ser legalmente assombrada. Disponível em: <https://super.abril.com.br/sociedade/nos-estados-unidos-uma-casa-pode-ser-legalmente-assombrada/>. Acesso em: 19 de janeiro de 2022.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, v. 7. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

_____. *O Conto dos Três Irmãos. Os contos de Beedle, o bardo*. Tradução: Lia Wyler. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SHAKESPEARE, William. *A tragédia de Macbeth*. Companhia de Livros Clássicos, 2001.

STOKER, Bram. *Dracula*. Broadview Press, 1997.

TELFER, Tori. *Lady Killers-Mulheres: mortais ao longo da história: mulheres mortais ao longo da história*. Editora Kings Road, 2018.

TUAN, Yi-Fu. *Paisagens do medo*. Unesp, 2005.

VELOSO, Gabrielle Gonçalves; DE SOUZA, Bruna Garcia. A influência midiática no processo penal: uma análise do “Caso Evandro”. *Anais do EVINCI-UniBrasil*, v. 7, n. 1, p. 328-328, 2021.